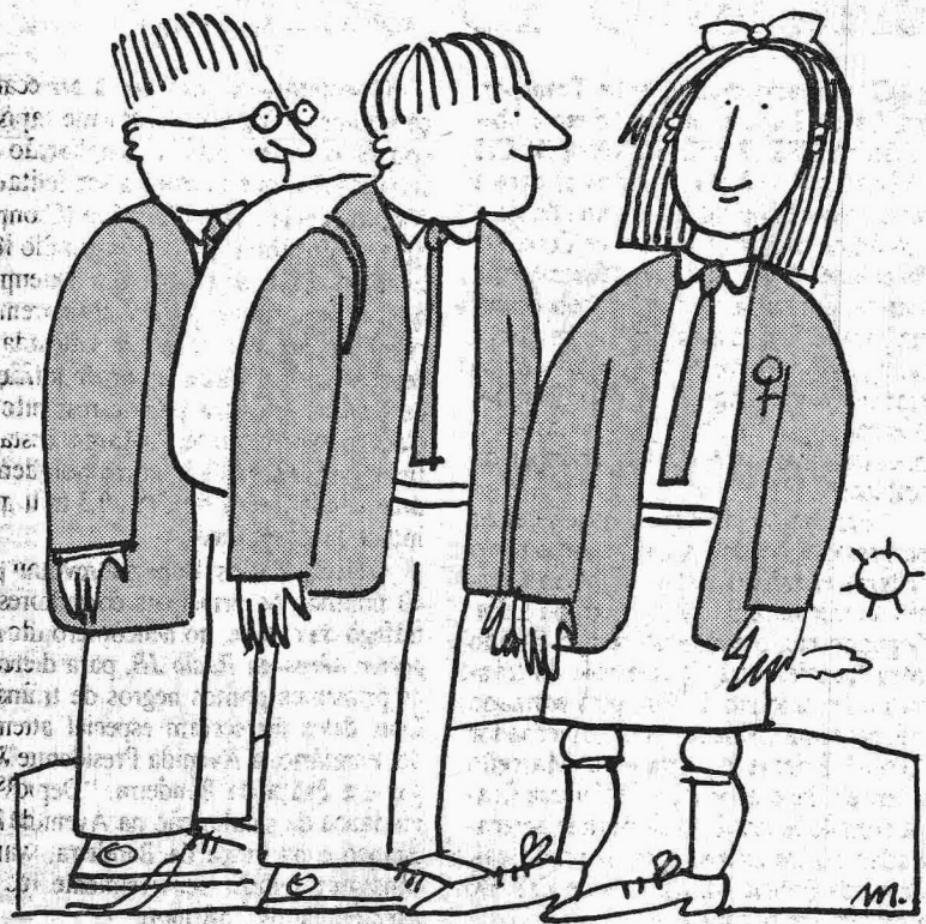


Cena carioca



Tradições

Roberto Marinho de Azevedo

As coisas mudam. E é bom que mudem. Senão, ficariam as mesmas e, por melhor que estejam assim, tendem sempre a envelhecer. Nada pior que uma coisa que foi boa e já não é. Fica rançosa. Bem perigosas são as águas estagnadas. Mudar é sempre doloroso. Mas não mudar...

Lembrei-me disso, ao ler que o Colégio Padre Antônio Vieira vai admitir, a partir do ano que vem, meninas em suas classes. É uma pequena revolução, que só terá sentido para os que freqüentaram o colégio. Certamente acharão muitos que tudo deveria continuar como antes. Por que? Porque este é o argumento da tradição. Irrefutável: as coisas devem continuar igual ao que sempre foram. A começar com o ser humano, que se quer para sempre jovem. No entanto, se continuássemos jovens para a eternidade, isso implicaria nunca crescemos, nada aprendermos. Continuariamos crianças —

e uma criança que fica velha, sem envelhecer, é uma idiota.

Apesar disso, ninguém quer mudar. Nas redondilhas de *Sôbolo dos rios*, queixa-se Camões:

“E vi que todos os danos se cansavam das mudanças e as mudanças dos anos...”

Depende tudo do ponto de vista. Pode-se argumentar que há muitas vantagens nas mudanças. Em todo caso, a que ocorreu no colégio serve só de pretexto para se tocar no assunto. Por mais conservador que alguém seja, acho que, hoje em dia, parecerá a quase todo mundo lógico que os colégios sejam mistos.

Na verdade, a discussão entre o que deve ser conservado e o que deve ser modificado é algo ocioso. Os próprios conservadores, quando o são com inteligência, apoiam as mudanças. Sabem que as modificações férteis se fundamentam no passado e não o renegam.

Assim, não me parece vergonhoso chegarmos a uma conclusão óbvia: é bom que certas coisas mudem. E outras não. Como poderia ter dito o Conselheiro Acácio.